

## **O CONHECER E O PENSAR NA EDUCAÇÃO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

Thiago Sousa da Silva<sup>1</sup>  
Ramily Maciel Matos<sup>2</sup>  
Joaquina Ianca Miranda<sup>3</sup>  
Leandro Klineyder Gomes de Freitas<sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo traz discussões sobre o conhecer e pensar dentro da educação, com a finalidade de distinguir quais as suas nuances. Este trabalho tem por objetivos apontar uma educação pautada no conhecer e pensar voltada a emancipação do indivíduo e identificar o papel da aquisição de conhecimento junto dos seus reflexos na escola, família e no comportamento humano. Nos propondo a discutir sobre: quais as relevâncias do pensar reflexivo no comportamento humano e como a escola pode orientar esse pensar para a emancipação? Para responder essas questões foi feita pesquisa bibliográfica, a partir da leitura dos trabalhos selecionados com ideias de Hannah Arendt (2011); Saviani (2011, 2012) e Michael Young (2007). Constata-se que os conhecimentos se encontram em constante movimentação e o processo educativo é fator de grande importância para a mediação entre os antigos e novos conhecimentos, destaca-se a necessidade de aquisição de conhecimentos e de um processo educativo que não esteja distante da sua realidade e de sua vivência, proporcionando um pensamento de inclusão e de participação que ocorrerá em detrimento de um pensar coletivo. Conclui-se que tanto o conhecimento quanto o pensamento não são opostos mas que interdependem um do outro e norteiam as nossas ações.

**Palavras-chave:** Conhecer e pensar, Escola, Educação, Emancipação.

### **INTRODUÇÃO**

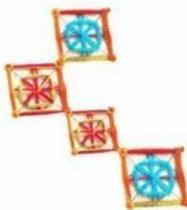
---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal - PA, [thiagoviseu@gmail.com](mailto:thiagoviseu@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal - PA, [ramilymaciel@outlook.com](mailto:ramilymaciel@outlook.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal - PA, [joaquinaianca@gmail.com](mailto:joaquinaianca@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor Orientador: Doutor, Faculdade de Educação da Universidade Federal - PA, [leanklin@gmail.com](mailto:leanklin@gmail.com).



O presente artigo traz discussões sobre o conhecer e pensar dentro da educação diante das mudanças nos métodos de ensino visando uma educação democrática, na maneira que ações são construídas a partir do posicionamento do educador como principal mediador na sala de aula para que o processo de conhecimento de fato torne-se efetivo. No meio histórico a educação teve as mais diversas facetas que se podem imaginar. Saviani (2008) em sua obra intitulada “Escola e Democracia” descreveu os passos dados da educação entre os séculos XIX e XX, fazendo menção aos modelos de escola tradicional que tinham por um objetivo acabar com a marginalidade que era ligada à ignorância, mas esta não obteve resultados satisfatórios pois poucos do que nela ingressavam tinham êxito, desencadeando críticas a escola tradicional.

A necessidade de discutir a reflexão do conhecimento e do pensamento humano têm por finalidade distinguir quais as suas nuances, não para separá-las mas, para ressaltar a indissociação destes dois momentos ímpares no processo educativo, contribuindo assim para a compreensão de uma educação que almeje a busca incansável pelo conhecimento verdadeiro e tornando-se suporte para aqueles que desejam se aprofundar no tema, assim como para os profissionais da educação que desejam ter bases para a busca de uma educação democrática e construtora de identidades baseada no compromisso profissional e coletivo.

Este trabalho tem como objetivo apontar ideias que assegurem uma educação pautada no verdadeiro conhecer e pensar, na importância de formar sujeitos que não são passivos diante das mudanças e das informações que surgem em confronto a sua realidade, sendo capaz de intervir de maneira direta na sua vivência os resultados do pensar reflexivo em uma coletividade social, política, e educacional, sendo os objetivos específicos identificar o papel essencial da aquisição de conhecimento junto dos seus reflexos na escola, família e no comportamento humano. Logo, nos propomos a discutir sobre: quais as relevâncias do pensar reflexivo no comportamento humano e como a escola pode orientar esse pensar para a emancipação?

## **METODOLOGIA**



Para responder essa questão foi feita uma pesquisa bibliográfica em acervo online (<https://scholar.google.com.br/>), selecionando os trabalhos encontrados no tema em questão, como afirma. De acordo com Marconi e Lakatos (2007) bibliografias são trabalhos publicados pela comunidade acadêmica e que tornaram-se públicos sendo ele dito, filmado, gravado ou escrito permitindo que o pesquisador tenha contato direto com os mesmos.

Esse tipo de pesquisa nos proporciona ter bases e alicerces para discorrer sobre determinados assuntos já discutidos dando viés para novos olhares e oportunizando criar um contexto inovador. Trentini e Paim (1999, p. 68) apontam que “a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado” .

A partir da leitura dos trabalhos selecionamos como base para este artigo os trabalhos de Hannah Arendt (2011); Mogilka (2010); Da Costa (2010); Saviani (2011, 2012) e Michael Young (2007). Por fim, estruturamos este artigo em três tópicos: o primeiro fala sobre o conhecer e o pensar reflexivo como norteador das ações humanas; o segundo relata a importância da aquisição de conhecimento; e o terceiro a união entre a escola e a família como fator preponderante para que o educando seja seu próprio sujeito de emancipação.

## **O CONHECER E O PENSAR REFLEXIVO COMO NORTEADOR DAS AÇÕES HUMANAS**

A educação é um ato fundamental para o ser humano em que suas habilidades e necessidades básicas para a vida são desenvolvidas, desde o falar até o conhecer as letras e o pensar de forma estruturada, é baseado pela curiosidade em conhecer o mundo ao seu redor e um processo que ocorre mediante todas as sociedades humanas, que vai evoluindo historicamente ao passo que a sociedade evolui englobando os conhecimentos que por elas já foram construídos e construindo novos.



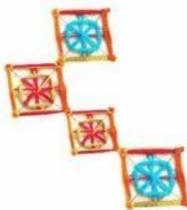
De acordo com Mogilka “o saber existente é importante não só porque ele nos ajuda a pensar e a conhecer ainda mais, mas também porque todo novo conhecimento se constitui a partir de saberes e estruturas anteriores, mesmo que estes sejam retificados no processo” (2010, p. 13).

Dessa forma, o processo educativo torna-se fator de grande importância para a mediação entre os antigos e novos conhecimentos, pois assim como as sociedades se movimentam, os conhecimentos se encontram em constante movimentação e colocam o “conhecer” em constante transformação, pois ao passo que as pessoas tendem a procurar maneiras e formas de acompanhar o movimento social, criam e recriam novas formas de conhecer e pensar.

Logo, surge uma preocupação em torno da forma com que o educador lida com este conhecimento em constante movimento para que a educação não fique para trás em meio a tantas transformações. Uma educação que não se perca neste movimento de inovações não é fácil, uma vez que somos bombardeados por informações de todos os lados nas mídias televisivas, na internet, outdoor, cartazes etc., tornando necessária uma maior cautela na seleção das informações que o educador deseja repassar e na maneira que será repassada para que o ensino venha sanar as necessidades daqueles que estão no processo de ensino-aprendizagem.

No ensaio “Entre o passado e o Futuro” Hannah Arendt (2011) fala sobre a perda de autoridade e da tradição ao tratar da “crise da educação”, onde as mudanças caracterizadas pela massificação tendem a fazer confusões entre o antigo e o novo e para isso colocamos a figura do professor enquanto mediador essencial para aprendizagem daqueles que buscam o conhecimento, dando a ele autoridade necessária em forma de autonomia para pensar e selecionar os conhecimentos de forma que o ensino se desenvolva constante e ininterruptamente.

É necessário um pensar e conhecer acronológico que engloba associações entre passado, presente e futuro, garantindo que seja entendido de maneira clara e objetiva que o presente se constitui do passado e o futuro se constituirá do presente, onde as ações tomadas agora influenciam diretamente na vida e nos caminhos que os educandos e a sociedade irão seguir futuramente, não deixando de fazer menção à tradição, onde se



é capaz de deixar viva a memória das sociedades passadas, assim “o educador, na visão arendtiana, deve ser um mediador entre o velho e o novo e deve ter um grande respeito face ao passado, como um modelo” (DA COSTA, 2010, p. 14).

Almeida (2010, p. 861) diz que “conhecer é apenas uma forma de se relacionar com o mundo, o qual, embora necessária, por si só se mostra insuficiente”, a relação do ser humano com o mundo se dá a partir do conhecer, mas este conhecer não consegue abranger todas as nossas perspectivas e necessidades quando está distante do pensar, por isso é colocado como insuficiente.

A medida que nos colocamos à procura do conhecimento estamos no momento de pesquisa e curiosidade em conhecer um objeto, e, depois que nos apropriamos dele partimos para um segundo momento de colocar esse conhecimento em ação, e para isso pensar é essencial para que as habilidades do conhecimento sejam empregados de maneira positivas na resolução de problemas do dia a dia (ALMEIDA, 2010).

O pensar nem sempre é empregado ao lado do conhecer, ao mencionar Adolf Eichmann e o holocausto “[...] Hannah via Eichmann como o homem moderno alienado, incapaz de pensar suas ações e executando ordens automaticamente, o mal para ele era algo banal” (DA COSTA, 2010, p. 4) assim, Almeida citando Arendt diz que “[...] mesmo que tenham feito o uso de um saber e um saber fazer, não pensaram, já que não pararam para se perguntar sobre o sentido de seus atos e não se indagaram o que tudo aquilo significava pra eles, nem para as vítimas, nem para o mundo [...]” (2010, p. 856).

Portanto, somos concordantes com o que Almeida (2010) distingue em sua obra, que o ato de pensar é cometido pela reflexão de nossas experiências por meio da cognição que nos permite chegar até o conhecimento, esse pensar nos direciona sempre a procurar um novo sentido às coisas que já conhecemos e por isso nem sempre é acompanhado por uma veracidade, já o conhecimento diferente deste, é acompanhado por uma veracidade concreta e que nem sempre é questionada, tendo desta forma margens sólidas e por vezes não duvidosas.

Assim o conhecimento proporciona o “saber resolver” problemas de forma mecânica e que estão presentes na concretude do nosso cotidiano e o pensamento é



baseado nas aquisições cognitivas proporcionadas pelo conhecimento (FLORES; ROCHA FILHO, 2017), mas que pode ir além do concreto e abarcar o abstrato. Esses mesmos autores afirmam que Arendt usa de meios para evidenciar que tanto o conhecimento quanto o pensamento não são opostos mas que interdependem um do outro e norteiam as nossas ações.

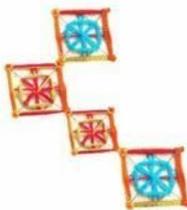
## **A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO**

A escola nova é destacada pelo movimento de crítica ao modelo educacional da escola tradicional, que não identifica a diferença existente entre os indivíduos na sua forma de aprender e conseqüentemente na sua cognição, em que a escola técnica “advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional” (SAVIANI, 2012, p. 11), baseada pelo ensino homogêneo em que o professor é principal articulador da transmissão do ensino, e o aluno único responsável por aprender.

O modelo de educação da escola nova surge com uma nova formulação de ensino traz uma educação baseada na relação professor-aluno que juntos procuram enfatizar uma educação voltada aos interesses do educando, no entanto esse modelo de ensino tornou-se ainda mais diferenciador entre as camadas sociais transformando-se no principal modelo educativo adotado pela burguesia. Por outro lado, a escola tecnicista, voltada ao aprender a fazer, onde os alunos que não eram capazes de aprender eram tidos como incompetentes, foi destinado, ao lado do ensino tradicional a camadas mais pobres da sociedade.

Em torno dessas três correntes, “[...] conclui-se que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender, e para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer” (SAVIANI, 2012, p. 14) e nesta última o pensar e conhecer são praticamente insociáveis pois o saber fazer de forma mecânica é o fim do processo educativo.

É perceptível que a escola ganhou novos modelos e se modificou ao longo da história assim como o processo de aquisição de conhecimento e forma de pensar a



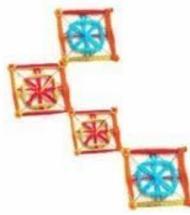
educação, onde os educandos no primeiro momento tinham sozinhos que aprender os conteúdos ensinados com participação mínima do educador, em uma relação passiva de conhecimentos, passam a ter seus interesses postos como primordial, com ajuda mútua entre professor e aluno na busca por novos conhecimentos que o ensinam a aprender a aprender e exercitem o pensar.

Como já vínhamos apresentando o conhecer e o pensar são agentes que necessitam um do outro para se chegar ao pleno conhecimento, haja vista que sem o conhecimento essencial e adequado o pensar pode tornar-se prejudicado e que este sozinho não tem veracidade, e que o conhecimento sem o pensar é mera repetição e “aprender a fazer”.

A associação entre o conhecer e pensar é resultado da própria essência do trabalho educativo, pois sendo a educação trabalho não material “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo o conjunto dos homens” (SAVIANI, 2011, p. 13).

Destaca-se então que o ato educativo é um ato intencional e coletivo que precisa da ação para ser estabelecido como trabalho histórico mediante a cognição, o que caracterizamos como trabalho cognitivo a seleção do objeto a ser estudado e a organização de espaço tornando a educação participante do próprio ato educativo e tornando-a institucionalizada.

Saviani (2011) configura a escola como uma instituição organizada, com saber sistematizado e que dispõem de conhecimento elaborado, distinguindo a cultura erudita da popular, sendo a primeira o que ele chama de conhecimento institucionalizado obtido na instituição escolar e a segunda produto do senso comum, apontando assim a escola como essencial “para apropriar aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado” (SAVIANI, p. 14), de tal modo que a regência desse trabalho se dá através do currículo e que dentro dele está todo o movimento de ensino-aprendizagem capaz de favorecer a mediação de um estado do conhecimento ao outro, do popular ao erudito.



No entanto, para se chegar a qualquer nível de conhecimento desejado por uma instituição escolar, ou até mesmo de modo pessoal, a inteira disposição do agente educador e do educando no momento de aprendizagem se faz necessário, assim como de tempo hábil para o estudo que mais tarde se torna um *habitus*<sup>5</sup>, ou seja, quando determinada atitude é vista com naturalidade e não mais mecânica.

Destarte, é válido salientar “[...] o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDDT, 2000, p. 223), e que o mundo é um vasto campo de aquisição de conhecimentos, e que os vários contextos sociais não devem ser ignorados no processo de ensino-aprendizagem.

O autor Elias, em sua busca pela ruptura da evolução, diz que: “A ruptura teria ocorrido pela alteração no equilíbrio entre o aprendido - aquilo que resulta do processo de aprendizagem dos indivíduos - e o não aprendido - os elementos definidos na bagagem genética dos indivíduos da espécie” (SAMPAIO; GALIAN, 2016, p. 136). Desta forma, é inexorável para o conhecer e o pensar reflexivo a busca pelo aperfeiçoamento humano, onde tirar de experiências da sua própria vivência seja um salto para seu autoconhecimento e para seu conhecimento de sociedade e de mundo, ativando o patrimônio potencial de aprender que a espécie humana carrega.

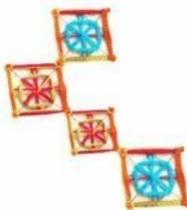
No traçar da evolução percebemos a ruptura que nos fazem diferentes de outras espécies de animais, o conhecimento, e, principalmente, o pensar sobre aquilo que se conhece. Desta forma, precisamos de contínuos estimuladores do conhecimento e do pensamento, para reforçarmos a importância em nosso processo evolutivo e a escola é o lugar que deve estimular o conhecimento e principalmente o pensar.

Michael Young (2007) nos revela, que a escola ou currículo escolar proporciona a aquisição de um conhecimento que não pode ser concebido na vida cotidiana comum, caracterizado como conhecimento poderoso, que desenvolvem o pensar e refletir no indivíduo.

“Isso não significa que as escolas não devam levar muito em conta o conhecimento que os alunos trazem, ou que a autoridade pedagógica não precise ser desafiada. Significa que alguns tipos de relação de

---

<sup>5</sup> Saviani (2011) diz que *habitus* vem a ser um ato de disposição permanente, ou a segunda natureza do ser humano quando se refere ao momento de aprendizagem. A repetição de determinados atos até que sejam fixados, não ocorrendo a interrupção do apreendido, tornando-se irreversível.



autoridade são intrínsecos à pedagogia e às escolas” (YOUNG, 2007, p.1295).

Dando devida importância ao conhecimento elaborado para a resolução, Young (2007) define o *conhecimento independente do contexto*<sup>6</sup> como o mais importante chamando-o de conhecimento poderoso por ser adquirido na escola. Portanto, colocamos a instituição escolar como lugar de aquisição do conhecimento elaborado, capaz de munir aqueles que o buscam com um arcabouço de conhecimento útil baseado na reflexão e do saber fazer, tornando a ação do pensamento arreigada de significado.

## **A UNIÃO ESCOLA E FAMÍLIA NO PROCESSO DE CONHECER E PENSAR**

A família é a primeira instituição da qual o homem faz parte, dela advém as primeiras regras, condutas, primeiros afetos que o fazem sentir pertencente a determinado lugar, logo essa relação se torna determinante na identidade do ser humano. A inserção do indivíduo na escola é fundamental para sua formação, uma vez que o distanciamento da instituição familiar se faz necessário para reflexão e compreensão de comportamentos e atitudes do seu contexto social em comparação aos mais oriundos grupos da sociedade.

O educador precisa estar preparado ao se deparar com pessoas que advêm desses espaços diversos e que acompanha as primeiras indagações, opiniões, problematizações e sonhos dos indivíduos além de mediar a sua formação. Em relação a esses espaços sociais diversos,

[...] Arendt denomina-os mundo comum (família, partidos, vizinhos, grupos de interesses, associações, religião, cultura, lei, sindicatos etc.). Esse mundo comum proporciona a proximidade entre os indivíduos sem que eles percam suas capacidades de agir, pensar e falar por conta própria (AGUIAR, 2011, p. 133).

Desta forma, tomamos como essencial que a escola englobe esses grupos a fim de que o processo educativo possa ser visto pelo educando como algo que não esteja distante da sua realidade e de sua vivência, proporcionando um pensamento de inclusão

---

<sup>6</sup> Young (2007) diz que o conhecimento independente do contexto, ou conhecimento teórico abre espaço para as generalizações e que na maioria das vezes está ligada à ciência.



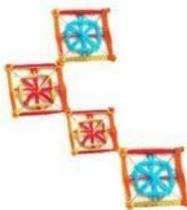
e de participação que ocorrerá em detrimento de um pensar coletivo, não vendo os diferentes grupos com distanciamento, ou afastamento, mas com a oportunidade de cada sujeito ser capaz de expor sua opinião, caracterizando deste modo uma visão democrática que se opõem às lideranças e poderes isolados de determinados grupos sobre outros, oportunizando a problematização daquilo que se aprende e estimulando o pensar.

Confirmando que “a ação é a atividade na qual os homens entram em contato, diretamente, uns com os outros por meio do discurso” (AGUIAR, 2010, p. 136), ação essa que é exercida no grupo familiar e na escola e que exigem ambientes de relação segura e de liberdade de opinião. Aguiar (2010) exemplifica essas ações relacionais dos indivíduos ao salientar que, a amizade é política quando o ser humano se distancia de si mesmo e se aproxima do outro implicando na liberdade e no partilhar do mundo.

Portanto, é imprescindível entender que o processo educativo para o professor e o aluno não é meramente uma relação passiva onde um se sobrepõe ao outro, mas que se faz na união de saberes compartilhados entre ambos, baseados na construção de uma relação que proporcione a aproximação com a realidade do educando para que exista a liberdade para pensar, falar, se expressar e agir.

É portanto um processo de relações políticas que exigem o estímulo ao conhecer e pensar sobre aquilo que se conhece, e para isso, a escola deve englobar a realidade do aluno e se aproximar dos contextos sociais existentes para problematizá-los e também ultrapassá-los, partindo do conhecimento comum ao elaborado, utilizando o conhecimento poderoso como ferramenta de problematização dos contextos sociais.

É um fato que nunca antes fora tão discutido o pluralismo, a participação e a autonomia. Estamos diante de um cenário marcado pelo debate em torno da diversidade tanto cultural como em torno de teorias e pontos de vistas que se divergem. Tem-se então, na escola, o papel essencial de estimular o conhecimento e o pensamento reflexivo, de uma forma que a escola e a família trabalhem juntas na construção de um ambiente para livre expressão do indivíduo e de favorecimento de uma aprendizagem regada de autenticidade, juntas em busca de uma educação emancipadora pautada não apenas no conhecer, mas no pensar.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que tanto o conhecimento quanto o pensamento não são opostos mas que interdependem um do outro e norteiam as nossas ações, juntos são a chave para uma educação reflexiva e que se preocupa em manter vivo os saberes passados e os atuais. Marcada pelo constante processo de mudança, tanto dos conhecimentos como nas formas de se pensar a educação, uma ação que engloba relações sociais e políticas. Essas constantes mudanças se fazem necessária para acompanhar os sujeitos que dentro da sociedade vivem em constante movimento e que estão sempre em busca daquilo que sacie suas ansiedades e desejos.

Evidenciamos a escola como o principal lugar capaz de subsidiar as ferramentas necessárias para a aquisição de conhecimento e estímulo do pensar reflexivo, e que, uma vez que está junto à família, consegue fornecer um suporte ainda maior de estímulo, problematização da realidade e auxílio na formação da identidade do ser humano.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. S. A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 853-856, set/dez. 2010.

AGUIAR, O. A. A amizade como amor mundi em Hannah Arendt. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 19, n. 28, p. 131-144, dec. 2010. ISSN 0104-6675. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/315>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ARENDDT, H. A crise na educação. [Ensaio] In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 348p.

DA COSTA, P. P. P. O papel do educador na concepção de Hannah Arendt. 2010.

FLORES, J. F.; ROCHA FILHO, J. B. DA. <b>Hanna Arendt e a distinção entre conhecer e pensar: reflexões para o ensino de ciências. *Acta Scientiarum. Education*, v. 39, n. 2, p. 131-140, 17 abr. 2017.



MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

MOGILKA, M. O pensar e o conhecer na investigação pedagógica. Salvador: R. FAGED, n. 18, p. 11-31, Jul-Dez. 2010.

TRENTINI, M.; PAIM, L. Pesquisa em Enfermagem. Uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

RABELLO, E; PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Rio de Janeiro, 2006.

SAMPAIO, M. M. F.; GALIAN, C. V. A. Norbert Elias e o conhecimento: contribuições para o debate sobre o currículo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. Vol. 46, n. 149, p. 132-157. Jan./ Mar./ 2016.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 42. ed. - Campinas, SP. Autores Associados, 2012.